

RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR DE IRATI- PARANÁ – PR

Claudia Maria Petchak Zanlorenzi¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma pesquisa sobre o processo histórico de constituição e instituição do primeiro Grupo Escolar de Irati. Para tanto, será apresentado primeiramente o início da povoação de Irati-PR, em seguida será discutido sobre o contexto republicano e após abordar sobre a educação e o Grupo Escolar de Irati. A realização desse trabalho de recuperação das fontes do primeiro Grupo Escolar de Irati-PR contribuiu para desvelar parte da história da cidade e da região através de um trabalho científico, com o compromisso de promover o fortalecimento dos laços de pertencimento. Palavras -chave: Educação; Instituição Escolar; Grupo Escolar Irati

LA RECONSTRUCTION HISTORIQUE DU PREMIER GROUPE DE L'ÉCOLE DE IRATI- PARANÁ.

RÉSUMÉ

Cet article vise à présenter une enquête sur le processus historique de formation et de mise en place du premier groupe de Irati école. Pour ce faire, vous verrez le début de la première colonie d'Irati-PR, alors être discutées sur le fond et après l'adresse républicain ey sur l'éducation et l'école primaire d'Irati. La réalisation de ce travail de récupération des sources de l'Ecole premier groupe d'Irati-PR de puiser une partie de l'histoire de la ville et la région à travers un travail scientifique, avec un engagement à renforcer davantage les liens d'appartenance.

Mots-clés: Éducation. Institution Scolaire. Groupe Scolaire Irati

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o propósito de contribuir para a produção do conhecimento na área da História da Educação Brasileira através da reconstrução histórica do primeiro grupo escolar de Irati – PR, sendo parte integrante do projeto Reconstrução Histórica das Instituições Escolares Públicas do Paraná - PR², articulado ao projeto do grupo de pesquisa HISTEDBR, que tem por objetivo resgatar as fontes primárias das Instituições Escolares Públicas e a partir destas fontes reescrever a História da Educação.

A pesquisa está delimitada ao período compreendido entre o início da República até a meados do século XX, quando foram criados os primeiros grupos escolares públicos na região do Paraná, como concretização do importante papel da educação no processo de desenvolvimento e da modernização a sociedade brasileira.

Em virtude de poucas iniciativas de pesquisas e textos sobre a história de Irati, principalmente sobre a história da educação no município - salvo fontes oficiais (IBGE) e iniciativas pontuais e particulares, que devido a falta de incentivo às publicações tornam-se extra-oficiais - o presente trabalho vem contribuir de forma significativa para este resgate.

Para tanto tem por objetivo geral investigar o processo histórico de constituição e instituição do primeiro Grupo Escolar de Irati e como objetivos específicos: realizar o levantamento e organização das fontes do primeiro Grupo Escolar de Irati-PR; digitalizar

as fontes coletadas nos formatos de texto e imagem; elaborar verbetes sobre a instituição escolar; promover a conscientização da comunidade escolar sobre a importância da preservação das fontes históricas da Instituição Escolar; disponibilizar o catálogo impresso em papel e em CD-ROM; elaborar uma monografia com base nas fontes coletadas e nos verbetes.

A realização deste trabalho de recuperação das fontes do primeiro Grupo Escolar de Irati-PR contribuirá para desvelar parte da história da cidade e da região através de um trabalho científico, com o compromisso de promover o fortalecimento dos laços de pertencimento.

O INÍCIO DA POVOAÇÃO DE IRATI

Conforme vestígios encontrados, o território de Irati foi povoado pelos índios caingangues³, porém a formação da cidade tem ligações com o município de Teixeira Soares e Imbituva, como também Palmeira, Lapa, Assungui de Cima e Curitiba.

Famílias procedentes destas localidades fixaram-se, desde 1830, no município. Os motivos que os levaram habitar tais terras, conforme fontes orais e escritas, vão desde migrações internas causadas pela Guerra do Paraguai, até aventuras de moradores de localidades vizinhas.

Da cidade de Teixeira Soares saem os relatos orais dos descendentes dos pioneiros, Pacífico de Souza Borges e Cipriano Francisco Ferraz, que movidos pela curiosidade e pela aventura, percorreram as terras vizinhas à sua localidade chegando em Irati.

Pacífico de Souza Borges



Fonte: Prefeitura Municipal de Irati - Assessoria de Imprensa – Cd room - Informações gerais

Dos relatos que contam - certamente típicos de uma época movida pelo linguajar dos tropeiros - alguns locais da terra descoberta foram batizadas conforme a aventura e perduram até hoje como nomes de bairro da cidade.

Desceram um pouco e encontraram uma lagoa, crismando de LAGOA o lugar. Continuaram caminhando e acharam um arroio, que chamaram de Camacuã. Havia muito papunzal, Cipriano quis dizer papua, enrolou a língua e disse “camacuã”. No Camacuã mataram um tigre, com certeza uma jaguatirica. Prosseguindo, encontraram um campo largo e bonito,

onde havia um rio. Denominaram de Rio Bonito, o lugar (ORREDA, 1999, p.05).

O senhor Pacífico de Souza Borges fixou residência em Irati, sendo este o nome escolhido pelos aventureiros para a terra ocupada. Em 1839, duas bandeiras precedentes de Sorocaba, chegam nestas terras, a bandeira de José Domingues da Trindade originando o povoado de Bom Retiro (hoje o Distrito Guamirim) e a bandeira de João Pereira de Jesus, o povoado de Pirapó (ORREDA, 1981 , p. 01).

Outras famílias que povoaram o município teriam vindo de Campo Largo, Palmeira, Lapa, Assungui de Cima, Imbituva, Ponta Grossa e Curitiba. Os fatores de tal migração é palco de discussões, pois há autores que retratam tal fato devido à deflagração da Guerra do Paraguai.

Temendo o recrutamento de seus membros, diversas famílias refugiaram-se no interior da Província, em pleno sertão bruto, na direção das fraldas da Serra do Tigre. Esse povo passou a cultivar lavouras de subsistência, criando porco e galinhas, não demorando muito para se formar, no local, um pequeno povoado, conhecido pelo nome de Covózinho ou Covalzinho⁴ (FERREIRA, 1996, p. 344).

Tal relato também está descrito no Dicionário de História e Geografia do Paraná, de Ermelino de Leão, que esteve em visita no território em 1899. A justificativa relatada ocasionou desconforto entre os pioneiros de Irati e seus descendentes, pois não pretendiam serem comparados aos “covardes e apressados coveiros da honra da Pátria” (MOREIRA, 1967, p.09). Entre estes pioneiros está o senhor Francisco de Paula Pires⁵, tropeiro, coronel da Guarda Nacional e líder do movimento de autonomia do município.

Já o autor Nadalin (2001), em relação às migrações no Paraná, diz que à medida que avançava o final do século XIX, as povoações aceleravam devido a hereditariedade profissional⁶, no qual os pais, para manter a vida camponesa costumavam comprar um lote de terra para cada filho e como não podiam fazê-lo na região, compravam terras mais baratas longe de suas localidades.

[...] no início do processo, de geração em geração expandia-se a colonização. Entretanto, à medida que o século XIX avançava para o seu final, acelerou-se o “movimento migratório ao mesmo tempo que um crescimento de seu raio (de ação). Da mesma forma porque, e isso já foi dito, a transposição de centenas de quilômetros tem a ver com o próprio crescimento vegetativo dos descendentes dos pioneiros – o que os obrigava a comprar lotes sempre mais adiante, onde era mais barato- e porque, nessa caminhada, também saltavam as zonas de campo [...](NADALIN, 2001, p. 82).

Outra explicação para a ocupação das áreas inexploradas do Paraná foi a economia ervateira, que se consolidou nas primeiras décadas do século XIX. Com a autorização da exportação regular da erva-mate, aumentou –se a sua cultura em terras ainda não ocupadas do Estado e a criação de engenhos.

Também o interior transformou-se com a crescente importância da indústria de mate, pois a intensificação do extrativismo favoreceu a ocupação de áreas basicamente inexploradas. Nesse caso situa-se o deslocamento de antigos habitantes de Campo Largo no sentido dos atuais municípios de São João do Triunfo, São Mateus do Sul, Rio Claro, Mallet, Rebouças, Irati (MACEDO apud Trindade, 2001, p. 39).

Diante de multifatores e de vários escritos oficiais e extras - oficiais, o território de Irati, em relação às outras cidades do Paraná que estão ligadas a algum fato concreto, não teve um motivo que explicasse a sua povoação, o que nos leva, então, a utilizarmos e basearmos em relatos orais dos descendentes e em arquivos dos poucos historiadores da cidade, fontes, que mesmo influenciadas pelas várias interpretações, são as mais próximas aos fatos, mesmo que permeados pelos interesses da época.

Rua 15 de Julho, esquina com Coronel Pires, em 1906 - Irati nascia



Fonte: Prefeitura Municipal de Irati –
Assessoria de Imprensa – Cd room - Informações gerais.

Porém, o que realmente é comprovado que no início da República a sociedade na região começa a ser estruturada e organizada, principalmente com a estrada de ferro e a vinda dos primeiros imigrantes, os holandeses, que chegariam em 1908, em Irati, e os demais que se seguiram, os poloneses, ucranianos, italianos, entre outros.

O CONTEXTO REPUBLICANO

O final do século XIX foi marcado pela urbanização, diversificação e crescimento de grupos sociais urbanos, emancipação dos escravos e crescimento da lavoura cafeeira. Os anos de 1888 e 1889 foram agitados em virtude do movimento abolicionista e a questão militar. Dos escritos de Viotti da Costa (1999), depreende-se que os jovens oficiais, imbuídos de idéias positivistas e republicanas difundidas na Escola Militar, sentiam-se encarregados da missão nacional da organização política e social do país.

A República se instaurou em 1889, fruto da união de um conjunto de forças diversas: fazendeiros de café, bacharéis, jornalistas e militares. Instalou-se o governo provisório (1889-1891) sob a chefia de Deodoro da Fonseca. O poder estava nas mãos dos grupos dominantes dos Estados mais ricos, ou seja, as oligarquias cafeeiras de São Paulo e Minas Gerais.

Com a proclamação da República, o Estado vai se estabilizando em outra forma. Diante do período de crise e transição no modo agro exportador herdado do império, inicia-se, então a consolidação do Estado Burguês.

Época acelerada de mudanças, permeadas pela ideologia do liberalismo e do positivismo, o Estado antes nos moldes monárquicos do absolutismo, organiza-se de modo particular a dominação de classe, não mais escravista, mas marcado pela dominação dos coronéis e pela política centralizadora dos governantes, sendo assim o patrimonialismo continuava, mas em outros moldes, nos detentores da terra. Surgem outros padrões de comportamento, outras expectativas e um sistema de valores da civilização urbano-industrial, principalmente com o advento do processo imigratório.

A sociedade, diante do modo de produção capitalista, transforma desde sua economia até sua estrutura jurídica. Diante das exigências tanto externas como internas, a sociedade de rural-política passa para urbano-comercial, integrando-se cada vez mais à industrialização e conseqüentemente a modernização.

É importante salientar que o capitalismo que tomava forma no Brasil tinha seus preceitos no liberalismo, o qual pregava o pressuposto do direito liberal de “tratamento igual dos desiguais”. Enaltecia-se a individualização, enfatizando a meritocracia e a propriedade privada. Para os liberais, o Estado tem por finalidade organizar o poder político e propiciar as condições para o livre desenvolvimento das atividades dos cidadãos, individualmente ou organizados conforme interesses comuns. A visão liberal clássica separa o Estado da sociedade civil, considerando-o esfera exclusiva da política, enquanto que a sociedade civil seria o espaço das atividades econômicas e sociais. Assim sendo, essa sociedade não pode intervir nos mecanismos administrativos do Estado, em contrapartida, o Estado não interfere nas atividades sócio-econômicas, restritivas à esfera privada (OLIVEIRA, 2001, p. 111-148).

Dessa forma, pode-se dizer que o liberalismo, no século XIX, é manifestado por diferentes grupos e interlocutores.

As idéias liberais foram utilizadas por grupos com propósitos diversos em momentos distintos no decorrer do século XIX. Mas por toda parte onde os liberais tomaram o poder, seu principal desafio foi transformar a teoria em prática. Durante este processo, o liberalismo perdeu seu conteúdo revolucionário inicial. Os direitos retoricamente definidos como universais converteram-se, na prática, em privilégios de uma minoria detentora de propriedades e de poder. Por toda parte as estruturas econômicas e sociais impuseram limites ao liberalismo e definiram as condições da sua crítica (VIOTTI DA COSTA, 1999, p. 133).

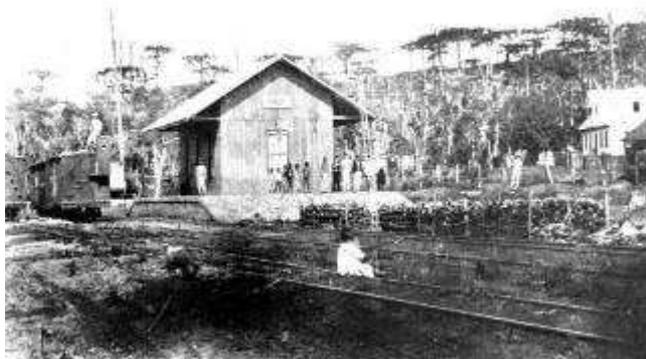
As idéias capitalistas de modernização e progresso, que começavam a tomar forma no Brasil, estavam intimamente ligadas ao povoamento e na melhoria do país, entre estas o transporte.

Nesta perspectiva, na busca pelo desenvolvimento do país permeado por estas idéias, novas estradas de ferro foram sendo feitas.

[...] qualquer pessoa que chegasse às cidades paranaenses no período Primeira República encontraria, em maior ou menor graus alguns signos da então moderna tecnologia[...]. Nesse contexto, o trem foi um arauto do progresso (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001, p 66).

O trem permitia a ligação das áreas rurais com os grandes centros e, em Irati esse processo não foi diferente. Em 1899, a estrada de ferro São Paulo - Rio Grande seria inaugurada na localidade de Covalzinho, sob a responsabilidade do engenheiro italiano, João Visinoni⁷, tendo o nome de estação Irati. Mesmo palco de controvérsias e embates como a Guerra do Contestado, a estrada de ferro controlada pela Brazil Railway Company, modificaria o espaço e a sociedade da região.

Estação Ferroviária em 1899, no local chamado Covalzinho. Inaugurada em dezembro daquele ano, como nome Estação de Irati.



Fonte: Prefeitura Municipal de Irati
- Assessoria de Imprensa – Cd room Informações gerais

Com o tempo e o crescimento do local ao redor da estação, devido o movimento do comércio e a vinda de outros moradores, o nome Covalzinho foi dando lugar à denominação Irati, ficando ali o centro comercial da localidade. A estrada de ferro influenciou de forma significativa a economia da região, a formação urbana, como em todo o país, tornando-se centro das decisões políticas, diversificando as atividades econômicas e conseqüentemente o desejo de autonomia que foi sendo disseminado pelos moradores. O povoado de Irati pertencia à Ponta Grossa, sendo assim subordinado juridicamente à Imbituva, o que ocasionava desconforto aos residentes, pois tinham que ir até esta localidade para regularização atos judiciais, papéis de casamentos, pagamentos de impostos, entre outros.

A consolidação do movimento de autonomia foi em 1907, data da instalação do município de Irati (15 de julho de 1907), sendo seu primeiro prefeito Emílio Batista Gomes⁸.

É nesse contexto republicano que o município de Irati foi tomando forma. Com a consolidação do Estado burguês, após a proclamação da república era necessário que as idéias liberais fossem disseminadas de forma mais rápida. Dentre as formas utilizadas para tal estavam as instituições de ensino, desde as mais simples até as mais estruturadas, e é diante desse quadro de transformações que se deve analisar a escolarização, e especificamente, a instituição do primeiro Grupo Escolar de Irati.

A EDUCAÇÃO

Tendo em vista que na educação no Império havia falta de recursos, como também o desânimo e a precariedade da escola pública, no governo republicano, após resolução dos problemas econômicos, social e o político voltar-se-ia a atenção para o problema da instrução.

Uma classe dirigente se proclamava preocupada com a instrução popular, com a promoção do homem livre dentro da pátria livre, enquanto arruinava a economia e a finanças nacionais em benefício próprios, e deixava os prejuízos por conta da pátria e da população (XAVIER, 1992, p. 29).

Na constituição de 1891, foi instituído o sistema federativo que dava autonomia ao Estado, consagrando no plano educativo a descentralização do ensino. De um lado caberia ao sistema federal, cuja preocupação era formação das elites, o controle dos cursos secundários e superiores, por outro lado aos Estados cabia o ensino primário e o ensino profissional, limitando-os a organizarem e manterem a educação das camadas populares.

Permeado pelas idéias liberais, a educação significava abertura para o progresso, fator de transformação e de conformação social. Um novo homem era necessário e com isso os parâmetros educacionais e a educação elitista, herdados do império, tornam-se obsoletos. “A escola foi, no imaginário republicano, signo da instauração da nova ordem, arma para efetuar o Progresso” (CARVALHO, 1989, p.7), principalmente diante do dados em 1900, nos quais 75% da população era de analfabetos⁹. Esta legião de excluídos da ordem republicana aparece então como freio do Progresso.

O analfabetismo passava a ser a marca da inaptidão para o Progresso e a causa da existência das populações que “mourejavam no Estado, sem ambições, indiferentes, de todo em todo, às cousas e homens do Brasil” (CARVALHO, 1989, p. 40), com isso a leitura e a escrita vão se tornando imprescindíveis para a integração no modo capitalista de produção.

Nesta perspectiva, a escola foi reafirmada como arma de que dependia a superação dos entraves que estariam impedindo a marcha do progresso, na nova ordem que se estruturava (CARVALHO, 1989, p.07).

Campanhas para a difusão da escola primária foram organizadas, fazendo surgir os primeiros grupos escolares e a popularização do ensino, tema amplamente presente nos discursos das autoridades da época:

Todos repetem que o Estado, instruindo, se propõe formar cidadãos úteis ao lado de espíritos esclarecidos; educar intelectual e moralmente, preparar no indivíduo as condições necessárias a realizar, na Pátria, o lema de nossa bandeira: Ordem e Progresso. Ordem garantida pela edificação moral e progresso, provável, pela aquisição dos conhecimentos das leis naturais, a fim de atuar no mundo exterior (CERQUEIRA, A.P.. Relatório do Director da Instrução Publica do Paraná apud TRINDADE; ANDREAZZA, 2001, p. 80).

Várias medidas foram tomadas para erradicar o analfabetismo, entre elas a modificação dos níveis inferiores de ensino, a redução obrigatoriedade e gratuidade do ensino. Junto a essas medidas também houveram outras voltadas para a nacionalização do ensino. Este fato comportava dois aspectos: “abrasileirar os brasileiros” através da alfabetização e da educação moral e cívica, e integrar o imigrante estrangeiro.

A solução apresentada, estritamente pedagógica, seria a ampliação do âmbito formativo da escola, que ao invés de ensinar apressadamente ler e escrever os adultos, era necessário educar seus filhos, fazendo-os freqüentar uma escola moderna. Surge, então, os movimentos “entusiasmo pela educação e otimismo pedagógico”¹⁰.

Nesta passagem é atribuída grande importância a educação, criando uma atmosfera favorável a um amplo programa de ação social em favor da escolarização, essas duas

tendências foram dois grandes movimentos a respeito da necessidade da abertura e aperfeiçoamento das escolas.

O “entusiasmo pela educação” era um movimento que ia num sentido quantitativo, solicitando a abertura de escolas; e o “otimismo pedagógico”, em um sentido qualitativo, preocupando-se com os métodos e conteúdos de ensino. Tais movimentos ora se alternaram e ora se somaram durante a primeira república.

No início da república, privilegiou-se o “entusiasmo pela educação”, que surgiu no período de mudança do sistema imperial para o republicano e se resumia na concepção de expansão da rede escolar e na tentativa de desanalfabetização das classes menos favorecidas, sem se preocupar com a qualidade de ensino.

O arrefecimento do entusiasmo pela educação se dá com o final da Primeira Guerra Mundial e em função do aparecimento dos profissionais da educação, que criticam o simples aumento quantitativo da instrução popular constituindo o otimismo pedagógico, uma tendência que se fortalece com o movimento pela Escola Nova. Se na fase pelo “entusiasmo pela educação” o lema era “Escola para todos”, agora a Escola Nova vem transferir a preocupação dos objetivos e dos conteúdos para os métodos e da quantidade para a qualidade.

O “otimismo pedagógico” buscava a otimização do ensino, ou seja, na melhoria das condições didáticas e pedagógicas da rede escolar. Este surgiu nos anos vinte e alcançou seu ápice na segunda república, nos anos trinta. Operou uma inversão no entendimento do fenômeno educacional, pois os problemas de cunho político e social foram reduzidos a questões de ordem técnica e pedagógica.

Renascem as pregações das idéias liberais bem como reaparece a tentativa para sua institucionalização a esse renascimento e a essa luta corresponderam, no setor da escolarização, o destaque dado ao ideário da escola nova e o esforço para efetivá-lo nas instituições escolares do tempo.

Nesse período de crise da República Velha, o pensamento liberal também se traduz nas teorias educacionais, em especial a partir dos anos 20 em que um novo padrão de acumulação se esboça com o rompimento da República Agrário-Exportadora, no qual o país entrava no modelo convencionalmente chamado pelos economistas de “substituição das importações”. Neste contexto, a educação recebe fortes críticas e propostas para a reconstrução da educação brasileira.

Os liberais tiveram grande influência na educação brasileira pelas propostas apresentadas nas décadas de 20 e 30. A criação da Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1924, foi resultado de uma proposta liberal da educação que visava, essencialmente, à reconstrução da sociedade por meio da educação.

Num determinado momento, as formulações se integram. O Brasil vive uma hora decisiva, que exige outros padrões de relações e convivências humanas, decorre então a crença na possibilidade de reformar a sociedade pela reforma humana, no qual a escolarização tem um papel insubstituível. Visto que é o mais decisivo instrumento de aceleração histórica.

Entusiasmo pela educação e otimismo pedagógico começaram a ser uma atitude que se desenvolve nas correntes de idéias e movimentos políticos sociais, atribuindo a importância cada vez maior ao tema da instrução. Nesse momento a educação era tratada por homens públicos e ou intelectuais, quando ainda assuntos educacionais não constituíam uma atividade suficientemente profissionalizada. O aparecimento do técnico em educação com o objetivo de tratar exclusivamente os assuntos educacionais surge na década final da Primeira República.

Em Irati, ainda denominado Covalzinho, a primeira iniciativa escolar teve o apoio dos coronéis, chefes políticos, que com demais “pessoas em evidência” articularam a instalação da primeira escola em 1901, tendo a senhora Rosalina Gonçalves Cordeiro como professora, título que lhe foi concedido em 26 de novembro de 1900, pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Paraná, órgão responsável pela educação primária no Estado.

A escola situava-se em um depósito antigo de erva mate, próximo à estação de ferro (ORREDA, 2005, p 54). Porém, era o início da proliferação do ensino e de todas as idéias que se faziam necessárias para a formação da sociedade capitalista tendo como pano de fundo a igualdade dos desiguais.

A revolução política de 1888-1891 leva, portanto à formação, no plano nacional, de uma estrutura jurídica-política burguesa capitalista. [...] e o modo de organização do aparelho do Estado é, desde aquela revolução política, institucionalmente universalista e meritocrático. A saber: todos os homens, independentemente de sua condição socioeconômica, podem agora pleitear o acesso à condição de funcionários do Estado; e os processos e recrutamento e de hierarquização dos funcionários estatais implicam doravante o apelo formalizado aos critério de competência (SAES, 2001, p. 102).

Quem freqüentava tal escola, quais os interesses reais destas “pessoas em evidência” na formação desta escola?

Conforme dados coletados em fontes orais de historiadores, a professora teve total apoio dessas pessoas, enfim, era a institucionalização, mesmo que ainda de forma simples, de uma das formas de disseminação da ideologia.

Para a maioria, que só nos interessa numa visão de classe, o ensino para o futuro as condições de saber e de ignorância, indispensáveis ao bom andamento do capital. [...] A seleção feroz (que explica a angústia e por vezes a revolta nos jovens) é feita por grosso modo a partir da base econômica e não da inteligência, igualmente repartida potencialmente em todas as classes, dispondo as crianças dos ricos de um meio material que as prepara muito naturalmente para a ideologia e as reações “dominantes”, e as pobres vivendo no estado que reproduz a pobreza, não condizendo as suas condições com o que lhes é ensinado na escola (MARX, 1978, p. 37).

Seguindo a crença de que, pela multiplicação das instituições escolares, da disseminação da educação escolar será possível incorporar grandes camadas da população na senda do progresso nacional (NAGLE, 1978), o primeiro grupo escolar de Irati, sob a denominação Grupo Escolar Iraty, foi instalado em 1909 tendo como sede o edifício da Câmara Municipal e Prefeitura Municipal.

Prefeitura Municipal de Irati, anos 20, localizada a rua 15 de Julho

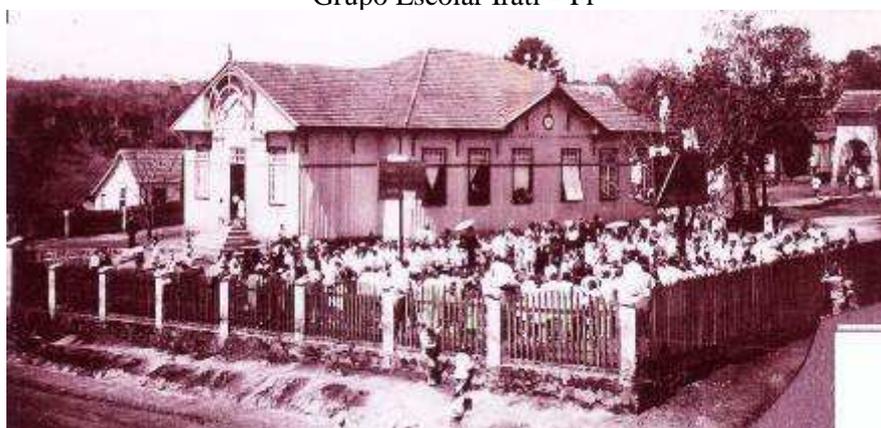


Fonte: Prefeitura Municipal de Irati - Assessoria de Imprensa – Cd room Informações gerais.

O professor Roberto Mongruel, o primeiro professor normalista de Irati, formado em Curitiba, foi o responsável pela instalação e pela docência do então Grupo Escolar de Iraty, ficando nesta localidade até 1912. Com tal grupo escolar, deixava-se a co-educação, ou melhor, a educação comum, ficando a Dona Rosalina responsável pelo ensino das meninas e o professor pelo ensino dos meninos.

Somente em 1924 que o Grupo Escolar Iraty teve sua sede própria num local alto da cidade. Pode-se fazer então uma analogia sobre a escolha do local para a instalação desse grupo e a importância na época dada à instrução como remédios para os males que se encontravam na sociedade. “[...] a escola foi reafirmada como arma de que dependia a superação dos entraves que estariam impedindo a marcha do progresso, na nova ordem que se estruturava.” (CARVALHO, 1989, p.7)

Grupo Escolar Irati – Pr



Acervo professor José Maria Orreda

O Grupo Escolar Iraty tratava-se de uma construção de madeira com salas, gabinete do diretor e biblioteca. Nessa época, a instituição de ensino contava com as seguintes professoras: Maria Ferraria dos Santos (1º ano masculino), Judith Amaral (1º ano feminino), Lilia Viana Braga (2º ano e diretora), Rosalina Cordeiro do Araújo (3º ano misto). Depois da professora Lilia seguiram os seguintes diretores: José Pietrusca, Newton Guimarães, permanecendo na função até 1928, sendo substituído pelo professor Ercílio Margarida.

Com o aumento significativo de alunos, vindo de encontro com os objetivos bem proclamados nessa época em relação à importância das instituições escolares para o

progresso nacional, iniciou-se uma mobilização para que o governo, interventor Manuel Ribas, auxiliasse na construção de um prédio dentro dos “novos anseios pedagógicos”.

Para fazer ver, a escola devia se dar a ver. Daí os edifícios necessariamente majestosos, amplos e iluminados, em que tudo se dispunha em exposição permanente. Mobilário, material didático, trabalhos executados, atividades discentes e docentes tudo devia ser dado a aver de modo uqe a conformação da escola aos preceitos da pedagogia moderna evidenciasse o Progresso que a república instaurava (CARVALHO, 1989, p.25).

Em 1936, iniciou a construção do outro Grupo Escolar que contaria com dezesseis salas de aula, um auditório e demais dependências. Durante os anos da construção os alunos foram remanejados para salas improvisadas em casas de pessoas da comunidade e outras instituições, conforme relato oral de D. Linda Crissi que estudou nessa época no Grupo Escolar. A construção de madeira foi transferida, em 1937, para o Distrito de Gonçalves Júnior.

Os alunos voltaram para o grupo em agosto de 1939, sob a direção da professora Mercedes Braga. A escola tinha duzentos e cinquenta alunos e oito professoras.

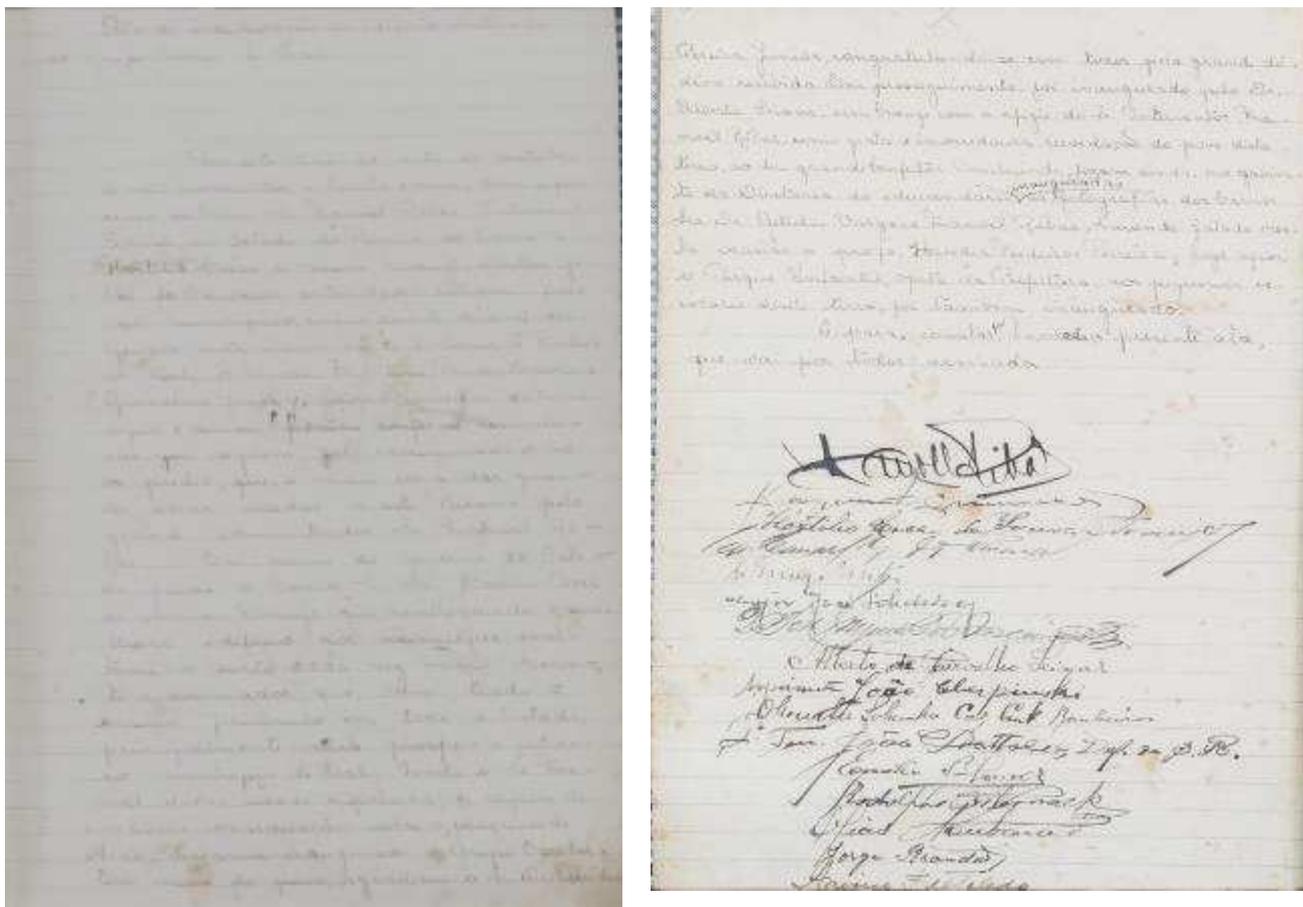
Construção do novo prédio (1936)



Acervo José Maria Orreda

Em 07 de outubro de 1939, inaugura-se o novo prédio passando a chamar-se Grupo Escolar Duque de Caxias.

Ata da inauguração - 1939



Acervo Colégio Estadual Duque de Caxias

Na inauguração estavam presentes além da comunidade iratiense, o interventor federal Sr. Manuel Ribas e Sr. Hostílio César de Sousa, que conforme a ata de inauguração “enaltece o surto cada vez mais crescente e animador que vem tendo o ensino primário em todo o Estado.” (ATA de inauguração , Grupo Escolar de Irati, 1939). Nessa data, como forma de marcar o poder instaurado, foi colocado na no gabinete da Diretoria as fotos do então presidente Getúlio Vargas e de Manoel Ribas.

Foto inauguração - 1939



Acervo Museu Municipal de Irati

A mudança do nome para Grupo Escolar Duque de Caxias, como era chamado até pouco anos atrás, deu-se em 29 de fevereiro de 1962, pelo Decreto do governo nº 7457, na ocasião o governo criou mais de 200 escolas. Entretanto, podemos observar pelo jornal escolar “ O Tibiriça”, idealizado pela professora Rosemary Lopes, no qual continha notícias e produções dos alunos, o nome Grupo Escolar “Duque de Caxias”, já era utilizado.

Jornal “O Tibiriça”



Acervo Claudia Maria Petchak Zanlorenzi

A educação, mesmo que no início em iniciativas pequenas, teve, no decorrer dos tempos, relação com os movimentos maiores da educação nacional e todas as conseqüências que poderiam acarretar, entre elas reformas executadas sem conhecimento real da região.

Escola Estadual Duque de Caxias e Escola Municipal Pequeno Duque



disponível em <http://www.iridunquecaxias.seed.pr.gov.br>

De lá para cá, seguindo as mudanças do cenário educacional, foram realizadas as seguintes alterações nesse estabelecimento de ensino.

- ❖ Em 19 de fevereiro de 1979, passou a denominar-se Escola Duque de Caxias, pelo decreto nº 1639-76.
- ❖ Através da resolução nº 317-88, autoriza-se o funcionamento de 1º grau regular de 5ª a 8ª séries noturno, passando a chamar-se Escola Estadual Duque de Caxias- Ensino de 1º Grau e Supletivo, tendo depois com a resolução nº 1596, de 22 de março de 1994, passar a funcionar o Ensino fundamental de 5ª a 8ª séries também no período diurno.
- ❖ Em 1996, com a resolução nº 4272-96, o ensino de 1ª a 4ª séries foi transferido para o poder público municipal, com a denominação Escola Municipal Pequeno Duque.
- ❖ Em 16 de março de 2006, passa a denominar Colégio Estadual Duque de Caxias – Ensino Fundamental, Médio e Profissional.

Para finalizar, infelizmente, são poucos os envolvidos com a história do município, bem como fontes que possam contribuir com uma pesquisa mais esclarecedora e que abranja o tema proposto neste texto. Enfim, há muito que ser feito, pois a história de Irati está por ser escrita, por isso justifica-se esse projeto Reconstrução Histórica do Primeiro Grupo Escolar de Irati- Paraná – PR.

REFERÊNCIAS:

- CARVALHO, Marta M.C. **A Escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Crítica da Educação e do Ensino**. Lisboa: Moraes Editores, 1978.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã I**. Lisboa: Editora Presença, 1979.
- NAGLE, Jorge. **A Educação na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1978.
- OLIVEIRA, R. **Sociologia: consensos e conflitos**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001.

ORREDA, José Maria. **Irati**. Irati: EDIPAR, 1979.

ORREDA, J.M. et alli. **Irati, 70 anos**. Irati: Editora Sul Oeste do Paraná LTDA, 1977.

SAES, Décio. **A formação do Estado Burguês no Brasil (1888-1891)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e Educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

VIOTTI DA COSTA, Emília. **Da Monarquia à República. Momentos decisivos**, 6ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1999

XAVIER, Maria Elisabete Sampaio Prado. **Capitalismo e escola no Brasil: a constituição do liberalismo em ideologia educacional e as reformas do ensino (1931-1961)**. Campinas-SP: Papyrus, 1990.

Notas

¹ Doutoranda em História da Educação no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), responsável pelo arquivo do Museu Municipal de Irati.

²Projeto financiado pelo CNPq.

³ Os caingangos (Caing: mato – ang: gente) procedem das regiões ocidentais do rio Paraná e invadiram o território paranaense após a destruição de Guaíra. Possuem como os guaranis, várias denominações tribais conforme as regiões de suas concentrações.

⁴ Covalzinho ficava alguns quilômetros e era subordinado ao povoado de Irati (hoje vila São João), o qual era mais desenvolvido.

⁵ Francisco de Paula Pires fixou a residência em Covalzinho (depois Irati), em 1890, sendo o primeiro comerciante estabelecido na área. Foi eleito em 1904 primeiro Juiz Distrital Judiciário e Camarista. Prefeito de Irati de 1912 – 1916.

⁶ Para saber mais ler ROCHE (1969).

⁷ Natural de Rovetta, região de Bérgamo, Itália, João Visinoni foi contratado pelo governo brasileiro por indicação do governo italiano, como engenheiro responsável pela construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Chegou ao Brasil em julho de 1896, dando início ao trabalho desde Ponta Grossa.[...]. Em 1915 rescindiu o contrato de construção da obra e o governo, para pagamento de seus trabalhos, entregou-lhe área de 500 alqueires de terras em Nhapindazal (*bairro de Irati*) (ORREDA,1979).

⁸ Emílio Batista Gomes, Coronel da Guarda Nacional, fixou residência em Covalzinho em 1899. Foi eleito Camarista em 1904. Por indicação de lideranças políticas assumiu o Executivo Municipal em 15 de julho de 1907, sendo o primeiro prefeito de Irati, função que exerceu por menos de um ano.

⁹ Dado retirado de RIBEIRO, 1882, p. 78.

¹⁰ Para saber mais NAGLE, Jorge. A Educação na Primeira República. São Paulo: EPU, 1978.

Recebido em: 18.04.12

Aprovado em: 30.05.12